

ARTE COLABORATIVA: Artistas: Claudia França, Cristhina Bastos, Fernando Augusto, Jill Moser. Galeria: Via Thorey Vitória-ES. Texto: Almerinda Lopes

Aproximações

A mostra que a Via Thorey Galeria de Arte apresenta ao público capixaba, reúne quatro artistas contemporâneos, possuidores de experiências, trajetórias, processos e linguagens diversificados, mas que se olhados mais atentamente podem nos revelar algo em comum. A americana Jill Moser vive e trabalha em Nova York-, enquanto os demais são oriundos de diferentes estados brasileiros - Fernando Augusto, Claudia França e Cristhina Bastos -, mas radicaram-se em Vitória, cidade que escolheram para viver e trabalhar:

Fernando Augusto é formado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais, onde foi aluno de alguns conhecidos artistas que lhe ensinaram que a base de qualquer processo criativo passa por um desenho conciso, claro e bem estruturado, que não se reduz ao treino da mão, mas vinculado ao pensamento. O processo reflexivo em que o artista respalda sua praxe angariou maior densidade com o prosseguimento dos estudos acadêmicos, em nível de mestrado e doutorado, realizados em São Paulo. Sem refutar a citada herança da tradição mineira, paralelamente à produção de desenhos a pintura foi se intensificando e ganhando cada vez mais espaço em sua produção. A necessidade de expandir a intensidade maleabilidade do gesto expressivo parece explicar a preferência pelos grandes suportes. Como um verdadeiro operário, o artista permanece, horas a fio, recluso nem seu ateliê, lendo, refletindo e exercitando diariamente seu laboratório criativo, que inclui variados processos, suportes e todo e qualquer material que estiver ao alcance da mão. Tal perseverança reflete o imenso legado do artista, que começou precocemente a circular por reconhecidos museus e espaços culturais do país e do exterior, périplo que se intensificou na maturidade. À extrema perseverança soma-se uma efervescente compulsão criativa, manifesta na necessidade de experimentar, simultânea ou intermitentemente ao desenho e à pintura, novos processos, suportes e materiais.

O artista apresenta em primeira mão, na Via Thorey Galeria, trabalhos das séries mais recentes, constando de desenhos, pinturas sobre papel e livros de artista, em cujas composições destacam-se as formas circulares arquetípicas, pulsantes de cor e matéria. Sobre alguns campos visuais escritura palavras, frases, letras - códigos

semânticos esses que, mais do que significar ou formular micronarrativas, têm a finalidade de atrair o olhar e envolver o interlocutor na cena.

Numa proposta inédita em Vitória, o artista traz para a exposição também alguns trabalhos produzidos em colaboração com a reconhecida artista americana Jill Moser. Autora de uma vasta e reconhecida produção que inclui desenhos a guache, pinturas, gravuras e monotípias, embora ainda seja pouco conhecida no meio artístico brasileiro. O encontro entre esses artistas, que até então sequer se conheciam, ocorreu em 2015, quando Fernando Augusto realizou uma residência artística no *Vermont Studio Center*, em Nova York. Essa instituição convida consagrados artistas locais para acompanharem e orientarem o desenvolvimento dos trabalhos dos residentes, sendo Jill Moser uma dessas colaboradoras. A identificação de um pelo trabalho do outro foi imediata, o que fez surgir a ideia de executarem algumas propostas colaborativas. A experiência resultou em vários trabalhos nos quais se percebe a hibridização de desenho, pintura, colagem e monotipia. Neles cada artista preserva sua própria identidade poética, mantendo-se evidentes as pinceladas monocromáticas, de gestos amplos, e delicados signos caligráficos de Jill Moser. Estas, ora se justapõem ora obstruem parcialmente o traçado figural, frases, palavras, letras e números que Fernando Augusto inseriu nesse mesmo campo visual. Em outras composições são as colagens, palavras ou letras, de autoria do brasileiro que se impõem à caligrafia mais comedida e às pinceladas mais amplas, da abstração monocromática da americana.

A participação de Jill Moser na mostra da Via Thorey ocorre também com trabalhos individuais sobre papel – suporte preferido da artista, embora também pinte sobre superfícies de lona – nos quais predominam os gestos caligráficos, que não deixam de revelar alguma afinidade com o Expressionismo Abstrato americano. Nos trabalhos mais recentes, atenua a força rodopiante de formas elípticas e circulares que caracterizaram seus trabalhos anteriores. Sobre um campo colorido chapado, ou trabalhado com suaves aguadas, a artista sobrepõe, gestos amplos e dinâmicos recorrendo a pinceis largos e a pouca tinta. Sobre esse campo monocromático a artista insere pequenos signos lineares, curvos e retos construídos, agora com pinceis finos, que remetem à caligrafia oriental.

Claudia França realizou os estudos acadêmicos em Desenho e Escultura na Universidade Federal de Minas Gerais, na década de 1990, quando ingressou na carreira acadêmica e também deu início à trajetória artística, elaborando objetos tridimensionais, desenhos e instalações. Na década seguinte concluiu o mestrado em

Poéticas Visuais, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, seguido do curso de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Estadual de Campinas, também em Poéticas Visuais. Desenvolve um arrojado, denso e ao mesmo tempo delicado projeto poético, constando de instalações híbridas, nas quais reúne objetos domésticos: de pratos, jarras, copos, taças, garrafas, garfos, relógios ovos, camas, cadeiras, além de roupas brancas dobradas e pilhas de papel e desenhos a nanquim e grafite, sobre papel branco, nos quais a autora recria esses objetos. A ideia de casa e o ambiente doméstico perpassam as proposições da artista e são apresentados como espaços de vida, de ternura e conflito, da convivência familiar e também local de trabalho.

Em suas instigantes instalações Claudia França estabelece paradoxos e dualidades, nos quais levanta a discussão sobre questões de gênero, contrapondo à fragilidade feminina, a situação dominadora do homem. Todavia, em propostas mais recentes amplia a reflexão, discutindo, paralelamente, questões de identidade, memória e alteridade, ao trabalhar com listas de nomes de pessoas que mantêm algum grau de afinidade ou que contribuíram para a sua formação. A autora estabelece com tais listagens vínculos com a obra literária de José Saramago, *Todos os nomes*, e postula a ideia de arquivo.

Na coletiva da Via Thorey, Claudia França apresenta trabalhos orgânicos, em planos superpostos da série *Albinas*, formulados com tecidos, papeis e fibras sintéticas brancas, lembrando cadernos, cujos planos são interligados por estruturas de acrílico ou vidro. Estabelece conexão entre essa série com alguns trabalhos anteriores, como as emblemáticas escadas brancas, construídas em papel ou tecido rendado, o que configura o enredamento labiríntico da obra da artista e não deixa de remeter à praxe formulada por Marcel Duchamp.

A carioca radicada em Vitória, Cristhina Bastos, participa da mostra com objetos da série *Casulos*. Formada em Pintura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde também cursou Arquitetura e se especializou em Urbanismo. Iniciou a carreira artística na década passada, como pintora, mas nos últimos anos passou a desenvolver trabalhos tridimensionais, nos quais revela um fazer feminino, em tramas executadas inicialmente, de maneira mais intimista, com fios de algodão ou nylon. As novas pesquisas de materiais se evidenciam nas estruturas dos casulos atuais, nos quais as tramas passaram a apresentar-se em camadas imbricadas, executadas pela artista com fios de arame de cobre, latão, alumínio e fios de nylon. Enquanto nos trabalhos mais antigos as formas

eram pouco variadas, mantendo uma mesma configuração estrutural, distinguindo-se principalmente pelas dimensões e as cores dos fios das tramas, nos trabalhos mais recentes se diversificaram, expandiram-se, ganham nova dinâmica: afinam-se, alongam-se, fecham-se, abrem-se, explodem, revelando sua constituição ou a ossatura material. Encontrou também novas soluções criativas para unir os casulos uns aos outros, recorrendo a estruturas de arame e vergalhão de ferro soldado. Isso permitiu à autora obter soluções mais ousadas e menos convencionais na maneira de expor os trabalhos, do que o que ocorria nos trabalhos das séries anteriores.

As duas últimas artistas, mesmo autoras de projetos criativos, conceitual e poeticamente bastantes diferenciados, e considerando que até então, uma sequer conhecia o trabalho da outra, aceitaram o desafio, proposto pela Via Thorey Galeria, de construir um trabalho coletivo. Se isso reflete, acima de tudo, um enorme despreendimento e um exercício de alteridade, pois exige compreender e aceitar as diferenças e obviamente sabedoria para lidar com o novo, na elaboração de uma proposta colaborativa. Sem que precisassem abrir mão das respectivas concepções poéticas e conceituais, o resultado final é bastante surpreendente, pois é possível reconhecer a linguagem e o processo expressivo de cada uma das artistas impresso na criação do insólito objeto híbrido, que sugere uma cadeira.

O objeto, apresentado na mostra, foi construído com madeira reciclada e fragmentos de antigas cadeiras, a cujos pés se conectam as tramas artesanais elaboradas com fios de metal e corda, de autoria de Cristina Bastos. Esses elementos orgânicos rastejam com maleabilidade pelo espaço, sugerindo arrastar ou mover a cadeira. A conexão entre o objeto e as peças do mobiliário que formulam a ideia de “casa móvel”, que habita o imaginário de Claudia França, não parece ser mera coincidência. Mas é no empilhamento de papéis brancos sobre o assento da cadeira, que logo se reconhece a linguagem poética que transparece na delicadeza dos materiais e na conceituação que, de longa data, marcam presença nas instalações da artista. Se as folhas brancas apontam para a ideia de corpo ausente, ao posicionar duas bengalas sobre os papéis, estabelece a dualidade presença/ausência. As bengalas mantêm impregnadas em seu corpo material as marcas do uso e de pertencimento, imbricando, assim, uma torrente de memória que parece comunicar-se com a supracitada trama/rede que está conectada aos pés da cadeira.

Se esses quatro artistas desenvolvem projetos poéticos que atestam uma coerente liberdade e individualidade plástica, conceitual e material, a proposta de produzirem e mostrarem trabalhos colaborativos possibilitou aos envolvidos fazerem

tanto uma análise reflexiva sobre seu próprio trabalho, quanto assumirem uma posição crítica e, ao mesmo tempo, de empatia frente à obra e ao fazer do outro. Essa relação de alteridade, de compreensão, de afeto e de empatia que se reflete nas propostas apresentadas pela Via Thorey, também vem se caracterizando como uma tendência que se desvela em propostas artísticas da atual geração de artistas contemporâneos, que mais que produzirem trabalhos de resistência política, ou que reflitam a violência e a barbárie querem reintroduzir a emoção na arte. Essa tendência da arte de nosso tempo tem sido reconhecida e discutida por emblemáticos teóricos, entre eles Gilles Deleuze e Didi-Huberman, para os quais a “emoção substitui a explicação racional”, porque “a emoção não diz “eu”, sabendo “que há mais intensidade em dizer “ele” ”¹.

Almerinda Lopes

Agosto/2017

¹ Gilles Deleuze, apud: G. Didi-Huberman, “La emoción no disse “yo”. Diez fragmentos sobre la libertad estética. Santiago de Chile: Metales Pesados, 2008, p. 46-7.